bilidade francesa para exportações será da ordem de 350 mil t no corrente ano.

Por sua vez, também o Brasil conta vender ao exterior 350 mil t de frangos congelados e, a prevalecer a capacidade de compra dos países adquirentes desta mercadoria, perto de 80% da oferta seriam destinados ao Oriente Médio e ao Egito. Daí, parece claro que as metas das vendas brasileiras e francesas para aquela região poderão concretizar-se, mas numa conjuntura de preços descendentes, seguindo a tendência configurada no primeiro quadrimestre deste ano, quando o país exportou um volume 42% superior ao de igual período de 1981, mas a um preço médio 15% inferior.

É realmente de se desejar que o setor exportador atinja seus objetivos, sob pena de uma oferta adicional de frangos vir a deteriorar ainda mais a situação interna do produto. De acordo com o citado levantamento da APINCO, a produção esperada de carne de frangos, de janeiro a junho deste ano, acha-se em nível 26,0% inferior à capacidade de produção, com base nos levantamentos mensais de vendas de matrizes de corte realizado pela União Brasileira de Avicultura — UBA. Seria conveniente que esta contração na produção mensal de pintos de corte não só continuasse, como também aumentasse, já que a previsão de produção até outubro, com base nos levantamentos mensais de vendas de matrizes de corte, eleva-se a 1,676 milhão de t de carne de frangos. Deste modo, pode-se estimar que, caso a diferença entre as produções potencial e real de carne de frango continue, até o final do ano, em ritmo semelhante ao apresentado no primeiro quadrimestre (-26,7 %), o país estará em vias de obter perto de 1,47 milhão de t de carne de frangos, e cerca de 1,56 milhão de t de carne de aves, em geral. Volume este muito elevado para se pretender forçar o aquecimento dos preços pelo lado da oferta, conforme previsto em **Agroanalysis**, vol. 6, nº 3.

FEIJÃO

O Governo Federal é o personagem mais importante no mercado

A possibilidade da obtenção de uma safra recorde de feijão está praticamente concretizada, no ano corrente, bastando para isso que não ocorram reveses climáticos de última hora. Com efeito, as últimas estimativas de organismos oficiais dão conta de um resultado bastante favorável, com uma oferta total do produto aproximadamente 20% maior do que a do ano passado (ver Quadro 1).

O volume total da produção atualmente avaliado pela CFP, de 2,9 milhões de t, resulta do bom desempenho que vem sendo apresentado pela safra da seca, para a qual o Centro-Sul contribuirá com 705 mil t e o Norte-Nordeste com 707 mil t. Também

QUADRO 1

FEIJÃO: Balanço de Oferta e Demanda da Safra 1981/82 — 1.000 t

Discriminação	
Estoque inicial	24,8
Safra das águas	1.488,0
Safra da seca	1.412,0
Oferta total	2.924,8
Consumo	2.600,0
Estoque final	324,8

FONTE: CFP, Cacex.

a primeira safra, a das águas, teve uma boa performance, excetuando-se a vultosa quebra verificada na região de Irecê, na Bahia. Aliás, os números da CFP diferem de avaliações locais, pois aquele órgão calcula a safra baiana entre 80 mil e 90 mil t (contra uma previsão inicial de 250 mil t a 300 mil t) e, na região, consideraram-se as perdas ainda um pouco mais elevadas (ver **Agroanalysis**, vol. 6, nº 4).

O efeito baixista da grande oferta de feijão no mercado fez com que o governo federal, através do uso do preço básico, assumisse o caráter de grande — por vezes único — comprador. Isto porque o preço mínimo médio para a safra das águas, de Cr$3.709,80, situou-se, na maior parte das áreas produtoras, sistematicamente acima das cotações vigentes no mercado,

como pode ser observado no Quadro 2. Do mesmo modo o atual preço básico médio da safra da seca, Cr$ . . . 4.702,20, supera, em praticamente todas as zonas de produção, os preços praticados. Este preço, que corresponde ao tipo 3, nem sempre é o utilizado nas aquisições efetuadas pelas cooperativas e não só por questões de qualidade. Em algumas regiões, freqüentemente, a classificação adotada aponta o tipo 5, cotado a Cr$4.575,00, para as compras, por estar mais próximo da realidade do mercado[1].

[1] São os seguintes os valores da tipificação do feijão da safra da seca, em vigor a partir de 1º/4: Tipo 1 Cr$ 5.096,40; tipo 2 Cr$ 4.938,60; tipo 3 Cr$ 4.702,20; tipo 4 Cr$ 4.637,40; tipo 5 Cr$ 4.575,00.

Deste modo, até meados de maio, os estoques governamentais compreendiam 460 mil t do grão, devendo aumentar ainda mais, quando ocorrerem as próximas liquidações dos EGFs. Os problemas de armazenagem daí decorrentes, em algumas regiões, como o Paraná, só puderam ser contornados mediante o deslocamento físico do produto, com a remoção do feijão preto para o Rio de Janeiro e do feijão de cores, para São Paulo.

Os dois únicos fatores de alta que ocorreram no mercado do feijão nos últimos meses foram, em fevereiro, as notícias sobre a frustração da safra de Irecê e, em seguida, o início da operação de compra, por parte do governo federal, por um preço considerado bom. Isto se verificou por ocasião do início das aquisições, tanto da safra das águas, quanto da safra da seca, com o preço institucional servindo de "suporte" às cotações.

No entanto, este processo de tênue recuperação deverá ser interrompido pelo próprio governo federal, que iniciou a entrega do produto para a venda nos supermercados de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Distrito Federal e Recife, por Cr$ 89,00. Não se sabe, ainda, por quanto tempo, e em que extensão, prosseguirá a campanha, amparada pelos grandes estoques do produ-

QUADRO 2

BRASIL: Estados Selecionados: Evolução Nominal dos Preços Médios Recebidos pelos Produtores de Feijão Preto — Outubro de 1981 a Maio de 1982 — Cr$/60 kg

Mês	Estado			
	Paraná	Santa Catarina	Minas Gerais	Rio Grande do Sul
Outubro	3.702,00	3.434,37	5.062,50	3.862,50
Novembro	2.968,12	3.050,00	4.687,50	3.396,87
Dezembro	2.779,17	2.976,66	4.086,11	3.220,83
Janeiro	2.896,38	3.519,67	3.755,00	3.355,48
Fevereiro	3.038,60	3.447,67	4.233,33	3.319,08
Março	3.177,00	3.488,63	4.116,67	3.440,90
Abril	3.176,00	3.545,33	3.750,00	3.402,50
Maio	3.488,10	4.165,89	3.739,58	3.625,31

FONTE: Centro de Informação de Mercado Agrícola.

QUADRO 3

FEIJÃO PRETO: Evolução da Média Mensal dos Preços no Varejo dos Principais Centros Consumidores do País — 1982 — Cr$/kg

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio
Belo Horizonte	123,27	116,75	115,86	116,42	115,52
Brasília	111,17	110,48	109,77	106,19	108,51
Curitiba	80,23	84,02	85,64	80,95	90,59
Porto Alegre	94,55	88,7[illegible]	88,74	95,75	99,14
Recife	107,67	108,46	116,13	117,75	119,57
Rio de Janeiro	95,72	98,96	102,57	95,68	106,91
São Paulo	103,36	100,13	100,68	99,61	107,37

FONTE: Centro de Informação de Mercado Agrícola.

to. Até o momento, sabe-se apenas que o volume total liberado por iniciativa da Secretaria Especial de Abastecimento e Preços é de 22 mil t, supondo-se que o escoamento rápido dos estoques seja uma das razões para a operação.

Também no que se refere ao preço do produto, ainda não foi terminado o levantamento dos custos de transporte com que arcou o governo federal, para efetuar a transferência do feijão preto para o varejo das principais capitais. No entanto, tomando-se como ponto de referência o preço básico médio de Cr$ 3.709,80, o Estado teria pago aos produtores algo em torno de Cr$ 60,00/kg (Cr$ 62,00 sem descontos) e, como os supermercados estão adquirindo aquela parcela dos estoques governamentais por Cr$ 78,00/kg, em média, aparentemente, a operação não embute subsídios.

Caso a campanha prossiga, parece inevitável um novo recuo dos preços, que permaneciam bastante deprimidos antes dela ter começado. Deste modo, faltando colher ainda cerca de 30% da safra paranaense, parte das safras gaúcha e catarinense e 80% das produções goiana e mineira (o Norte/Nordeste colhe a partir de julho/agosto), a CFP precisará voltar ao campo para adquirir a produção, assegurando o preço mínimo. Ficará demonstrada, então, uma certa ambigüidade da campanha da SEAP, pelo menos no que diz respeito à idéia de pronta saída do produto estocado nos armazéns (embora a rotação dos estoques seja recomendável). Restarão como possíveis motivos da promoção, a participação do feijão nos índices inflacionários — que, pelo peso dos estoques oficiais, não poderia ter maior relevância, este ano — e a influência, impossível de ser mensurada, de um período evidentemente político, em que o fornecimento de alimentos a preços baixos adquire maior importância.

Qualquer que seja, porém, a real, ou a principal, motivação da campanha, é possível que uma de suas conseqüências seja a manutenção, por algum tempo, do recorde de produção, a ser atingido em 1982. Afinal, a conjuntura depressiva do mercado do feijão, em nível de produtor, já se vem prolongando por muitos meses, devendo refletir-se nas futuras intenções de plantio dos agricultores.

SOJA

Sobem os preços do óleo

A situação atual do mercado internacional da soja está-se refletindo sobre o mercado interno brasileiro de forma inusitada. Possivelmente pela primeira vez, os consumidores brasileiros de óleo de soja estão pagando preços mais altos pelo produto, sem que a razão principal para a majoração tenha sido uma alta externa dos preços do grão ou do óleo. Até pelo contrário, a responsabilidade pelo aumento do preço ao consumidor doméstico cabe, em parte, aos preços deprimidos que estes produtos vêm registrando no mercado internacional.

Isto porque, no caso do complexo soja, os preços baixos reduzem as margens de esmagamento e, em princípio, fazem as indústrias diminuirem sua produção e suas vendas, até a melhora das cotações. Dessa forma, o ritmo da moagem de grãos no Brasil teria sido, entre fevereiro e maio do ano corrente, segundo as estimativas da revista *Oil World*, 23% inferior ao da temporada 1981/82, conforme apresentado no Quadro 1. A partir daí, tem-se, evidentemente, uma redução das quantidades de farelo e óleo disponíveis para o mercado interno e para a exportação.

Cabe considerar, além do mais, que houve uma redução considerável da safra brasileira, hoje estimada em 13 milhões de t (contra 15 milhões de t, projetadas inicialmente) o que, daqui para a frente, deverá elevar os preços pagos pelos produtos brasileiros. A expectativa de preços maiores, acrescida da ociosidade industrial (maior do que a costumeira) que eleva os custos de produção, e, também, da necessidade empresarial de conseguir uma composição de preços (externos e internos) remuneradora, fez com que os preços internos se elevassem desmesuradamente.

À primeira vista, essa redução em relação a anos anteriores não significa, obrigatoriamente, a existência de uma escassez destes produtos. De fato, a entrada da safra ocorre a partir de fevereiro e, de março em diante, normalmente, as indústrias operam a todo vapor e acumulam estoques que vão sendo escoados ao longo do ano-safra. Assim, a quantidade de soja moída de fevereiro até agora, mais os estoques iniciais (estimados por *Oil World* em 255 mil t, em 1º de fevereiro de 1982) seriam suficientes para cobrir o consumo doméstico desse período e os compromissos de exportação. Apesar disso, os preços passaram a crescer muito rapidamente nas últimas semanas, o que acabou obrigando as

QUADRO 1

BRASIL — Estimativas da Moagem Mensal de Soja em Grão no 1º Quadrimestre do Ano Comercial 1981/82 — (1.000 t)

Meses	1981	1982
Fevereiro	693	600
Março	1.230	830
Abril	1.630	1.200
Maio	1.680	1.400
TOTAL	5.233	4.030

FONTE: Oil World.